

Banda Sinfónica Portuguesa

31 Out 2021
12:00 Sala Suggia

VIII CONCURSO INTERNACIONAL DE COMPOSIÇÃO BSP

Francisco Ferreira direcção musical

Bernardo Lima

Water Drop (2020; c.11min)*

Nelson Jesus

Dies Irae (2020; c.11min)*

1. Praeludium
2. Dies Irae
3. Epilogus (Il Canto degli Uccelli)

José Brandão

Eclipse da Auto-Degradação (2020; c.11min)*

Sérgio Azevedo

...O vento sopra onde quer...,

concerto para orquestra de sopros (2019; c.23min)

1. Fanfares
2. ... Der Abschied
3. Fanfares — Notturmo fantastico

Anúncio dos resultados do Concurso

Sérgio Azevedo — Compositor Convidado BSP 2020

Todas as obras em estreia mundial

*Obras finalistas do VIII Concurso de Composição BSP (2020)

Notas dos compositores

Bernardo Lima: *Water Drop*

Water Drop é baseada na imagem de uma gota de água. Ao longo da obra, o ouvinte é levado através da viagem imaginária do curso de uma gota de água, como a explosão de água que ocorre quando abrimos uma torneira. A composição inclui várias referências a compositores que também abordaram a temática da água, ou da gota de água, como Claude Debussy (*La Mer*) e Fryderyk Chopin (Prelúdio op. 28, n.º 15). A água é o elemento essencial da vida.

Nelson Jesus: *Dies Irae*

No Verão de 2017, Portugal viveu um autêntico inferno de chamas. A tragédia humana e ambiental foi imensa e inundou-nos de imagens e consternação. A melodia desta obra é baseada no antigo e famoso hino *Dies Irae*, utilizado por inúmeros compositores ao longo dos séculos. O ritmo construído na partitura é inspirado na inacreditável falha de comunicações da tragédia, convertendo para código morse algum do vocabulário associado, como “fogo”, “SIRESP”, “GNR”... Neste caso, a enorme banda apaga esse fogo. No final, um canto de pássaros ressurgiu da madeira queimada.

José Brandão: *Eclipse da Auto-Degradação*

O *Eclipse da Auto-Degradação* tem como base um poema de Cláudia Pires que retrata um episódio hiperbólico no qual o cenário escolhido é a noite, simbologia da solidão, da obscuridade e da melancolia do sujeito poético. É entendida a participação da Lua como portadora do suplício que é ouvir as lamentações do sujeito poético. Este revela-se, de forma bastante evidente, desprovido de qualquer compaixão ou estima próprias.

Assim sendo, a Lua, imensamente pura, acaba por partilhar da mesma decadência do sujeito poético, chegando mesmo a morrer. Arrependido pelo sofrimento que incutiu à Lua, pede-lhe perdão, numa vã tentativa, pois trata-se agora de um astro corroído.

Claro que é importante salientar que este assassinato cósmico é involuntário. O sujeito poético não calculava as consequências e o tamanho da influência dos seus desabafos. Perante tudo isto, resta dizer que o estado de espírito do sujeito poético atinge, assim, o auge da Auto-Degradação.

Sérgio Azevedo: *...O vento sopra onde quer...*, concerto para orquestra de sopros

A Banda Sinfónica Portuguesa encomendou-me esta obra em 2019, para ser estreada em 2020 no âmbito da minha colaboração com a orquestra como Compositor Residente desse ano. Com cerca de 23 minutos, é a peça mais longa que já escrevi para sopros e divide-se em três andamentos, sendo que o terceiro é a continuação do primeiro, que fica, por assim dizer, “incompleto”. Já havia usado esta estrutura dramática numa obra anterior: *Giochi di Uccelli* — Concerto para flauta e orquestra, de 2017, cujo quinto e último andamento completa o primeiro, mantendo deste modo a tensão inerente a esse estado de óbvia incompletude. Também nesta obra para grande orquestra de sopros usei esse princípio, desta vez no âmbito dos três andamentos clássicos de um concerto: rápido-lento-rápido. No entanto, não quis escrever uma obra de exibição dos vários naipes e instrumentos, como é típico dos concertos para orquestra. O termo *concerto*, aqui, tem somente que ver com a forma geral, e o mais significativo no título é o mote “...o vento sopra onde quer...”.

Vento, metáfora para o Espírito Divino, que aparece onde quer e tantas vezes é ignorado. As fanfarras dos andamentos extremos, que rodeiam o “adagissimo” central, são como que um alerta que o peso desse andamento — inteiramente baseado num fragmento do “Adagio” da 9.ª Sinfonia e da última canção (“Der Abschied”) de *A Canção da Terra* de Mahler (músicas do Fim, ambas escritas por volta de 1909, dois anos antes da morte de Mahler) — não consegue absorver. A Ceifeira está por todo o lado, e só o Espírito a poderá vencer. Num tempo de muros, de racismo, de ameaça climática, de crianças mortas que dão à costa porque as suas famílias fogem de cenários de horror, precisamos de repensar as nossas prioridades.

A música é apenas uma gota de água e nada resolve, mas mesmo a mais humilde nota de beleza no caos contribui para vencer o horror. Longe porém da apoteose, o final é súbito, deixando no ar uma sensação de devir perpétuo. Quando encontrará a Humanidade o seu Vento, o seu Espírito?

Francisco Ferreira direcção musical

Francisco Ferreira tem um percurso artístico que o tem vindo a destacar com uma carreira multidisciplinar. É diplomado em Saxofone pelos Conservatórios de Música do Porto e de Limoges (França) e pela Escola Superior de Música de Lisboa, com as mais altas classificações. Teve o mérito de desenvolver em Portugal uma importante classe de saxofone com imensos alunos premiados em concursos nacionais e internacionais.

Tem vindo a dedicar-se igualmente ao desenvolvimento das orquestras de sopro, o que o levou a trabalhar direcção de orquestra com Jan Cober, Marc Tadue, Eugene Corporon, Douglas Bostock e José Pascual Vilaplana, concluindo em 2007 o Mestrado em Direcção de Orquestra no Real Conservatório dos Países Baixos em Maastricht.

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Camões, premiado pela Fundação Eng.º António de Almeida e vencedor do Concurso “Ouvir e Falar” da responsabilidade do maestro António Victorino d’Almeida, apresentado na RTP.

Apresenta-se regularmente em concertos na Europa, na Ásia e no Brasil. Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica do Porto, as Orquestras Clássicas do Porto e da Madeira, a Banda Sinfónica Portuguesa, a Banda da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, as Bandas de Curitiba (Brasil) e Municipal da Corunha (Espanha) e ainda com a Orquestra Portuguesa de Saxofones. É frequentemente convidado para orientar masterclasses e para integrar júris de prestigiados concursos nacionais e internacionais de saxofone e de bandas.

Como maestro, dirigiu imensas formações de sopro e percussão, nomeadamente as Bandas Sinfónicas da Guarda Nacional Republicana (Lisboa), da Covilhã e do Conservatório de Música do Porto, as Orquestras de Sopros do Algarve, da Escola Superior de Música de Lisboa e das escolas profissionais de Espinho, Beira Interior e ARTEAM, a Filarmonia de Vermoim (Maia), a Orquestra da União Europeia, a Rundfunk-Blasorchester Leipzig (Alemanha), a Banda Sinfónica de Tatuí (São Paulo, Brasil), a Orquestra de Sopros de Gran Canaria, as Bandas Municipais de Santa Cruz de Tenerife, de Vitória — Gasteiz e de Pontevedra (Espanha), a Orquestra do Norte, entre outras.

Nesta área, foi vencedor do 1.º prémio do II Concurso Internacional de La Sènia (Espanha) e World Music Contest em Kerkrade (Holanda), na categoria superior — com a mais alta classificação de todas as edições, na qualidade de maestro titular e director artístico da Banda Sinfónica Portuguesa, cargos que ocupa desde a fundação desta instituição.

É ainda Director Pedagógico da Academia de Música de Costa Cabral — Porto. Paralelamente à sua carreira artística, licenciou-se em Direito pela Universidade Católica Portuguesa.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação a 1 de Janeiro de 2005 no Rivoli, Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto, da Portolazer e da Ágora na divulgação e expansão do seu projecto nesta cidade. A partir de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de meia centena de obras, resultante ainda do seu concurso de composição e de encomendas. Em Abril de 2010, lançou o álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d’Harmonie* (2014), *Sinfónico* com Quinta do Bill (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Night and Day* (2019).

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, sendo de destacar nomes como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Vasco Dantas, incluindo vários músicos que integram a formação. Alguns concertos contaram ainda com a participação de vários coros e com grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, entre outros.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. A BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho, André Granjo, entre outros, dirigiram também a orquestra.

Destaca-se a realização de concertos nas principais salas de espectáculo de norte a sul do país, Igrejas, Santuário de Fátima, bem como na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e ainda nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria, Lleganés e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces (Espanha).

A BSP obteve os 1.ºs prémios no II Concurso Internacional de Bandas de La Sènia na Catalunha (Espanha, 2008), na 1.ª secção, e na categoria superior (Concert Division) do 60.º World Music Contest em Kerkrade (Países Baixos, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições daquele que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

Em 2014, a BSP realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, realizando cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying. Participou em 2017 na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht. Realizou em Novembro de 2019 uma digressão às Canárias, actuando em Tenerife e na Gran Canaria.

Outros objectivos passam pela organização de masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção (contando-se já 25 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça). Em 2017, deu início ao festival BSP Júnior, que reúne anualmente centenas de jovens promissores instrumentistas.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural, sem fins lucrativos, apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flautas

Tiago Silva
Daniela Anjo
David Leão (piccolo)

Oboés

Joana Soares
Pedro Moreira
Fernanda Amorim
(corne inglês)

Fagotes

Beatriz Rios
Bernardo Dias

Clarinetes

Crispim Luz
Ana Rita Petiz
Nuno Sousa
Tiago Batista
Luísa Marques
Rui Lopes
Alcina Azevedo
Sara Costa
Pedro Ramos
Mário Apolinário
Catarina Pereira
Alexandre Abreu
Filipe Pereira (requinta)
Daniel Amaro (cl. baixo)

Saxofones

José Pedro Gonçalves
(soprano e alto)
Ana Rita Pereira (alto)
Jorge Sousa (tenor)
Isabel Anjo (tenor)
Marcelo Marques (barítono)

Trompas

Nélson Silva
Pedro Pereira
Hélder Vales
Pedro Martins
Jaime Resende

Trompetes

Telmo Barbosa
João Sousa
Sérgio Pereira
(cornetim e fliscorne)
Tiago Peixoto
(cornetim e fliscorne)
Rui Ribeiro (cornetim)
Dora Capela

Trombones

Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Miguel Barros (baixo)

Eufónios

Nuno Costa
Luís Gomes

Tubas

Jorge Fernandes
Fábio Rodrigues

Percussão

Fábio Dias (tímpanos)
Luís Santiago
Paulo Mota
Daniel Araújo
Jorge Pereira
Tiago Sousa

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano

Ana Raquel Cunha